

ACONTECIMENTO E TRAJETÓRIA DE VIDA: A CONSTRUÇÃO DE UMA CELEBRIDADE CARISMÁTICA

EVENT AND LIFE TRAJECTORY: THE CONSTRUCTION OF A CHARISMATIC CELEBRITY

Paula Guimarães Simões¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir o fim da carreira do jogador de futebol Ronaldo Nazário de Lima, um acontecimento que impulsionou relatos de natureza biográfica. A grade analítica utilizada é composta por três categorias: descrição; narração; e constituição de públicos. A análise da “morte simbólica” de Ronaldo permite apreender a trajetória de vida do jogador, assim como os valores e dons agregados à sua imagem - e que o configuram como uma celebridade carismática.

PALAVRAS-CHAVE

Acontecimento. Biografia. Carisma.

ABSTRACT

This paper aims at discussing the end of Ronaldo Nazário de Lima’s career as a soccer player, an event that promoted biographic reports. The analytic grid has three categories: description; narration; and constitution of publics. The analysis of Ronaldo’s “symbolic death” allows apprehending his life route as well as the values and gifts attached to his image - and which configure him as a charismatic celebrity.

KEYWORDS

Event. Biography. Charisma.

1. INTRODUÇÃO

Segunda-feira, 14 de fevereiro de 2011, 13 horas. Em entrevista coletiva realizada na sede do Corinthians, em São Paulo, Ronaldo Luís Nazário de Lima anuncia sua aposentadoria como jogador profissional de futebol. O evento foi transmitido ao vivo por várias emissoras de televisão do país e acompanhado pelos demais dispositivos midiáticos. O

1 Doutora em Comunicação Social (UFMG) e Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS). paulaguimaraessimoes@yahoo.com.br. Belo Horizonte, BRASIL.

objetivo deste artigo é analisar a aposentadoria do Fenômeno como um *acontecimento* que impulsionou o resgate de sua trajetória pela mídia. A aposentadoria é entendida como uma *morte simbólica*, que coloca fim à carreira de Ronaldo e instaura uma profusão de relatos de caráter biográfico. Ao analisar alguns desses relatos, procuramos apreender a imagem hegemônica dessa celebridade, assim como alguns valores a ela agregados.

O texto está dividido em três partes. Na primeira, discutimos a articulação entre as noções de acontecimento, mídia e biografia, evidenciando os três eixos de análise para apreensão da aposentadoria de Ronaldo: 1) descrição; 2) narração; e 3) constituição de públicos. Essa grade analítica - desdobrada da discussão acerca da *individação do acontecimento* - é utilizada na leitura do material empírico que é apresentada na segunda parte do artigo. Por fim, acionamos o conceito de *carisma* para destacar os traços agregados à imagem hegemônica de Ronaldo na vida social, bem como alguns aspectos contraditórios que conformam esse rosto público.

2. ACONTECIMENTO, MÍDIA E BIOGRAFIA

A vida de todos e cada um de nós é organizada por um conjunto de *acontecimentos*, ocorrências que instauram sentidos e afetam a nossa experiência no mundo (Quéré, 2005). Sofremos os desdobramentos de tais ocorrências e agimos em relação a elas, de modo que sujeitos e acontecimentos são “tecidos em conjunto” (Quéré, 2005: 70). A vida das figuras públicas também é ordenada por acontecimentos que irrompem em seu percurso, afetando e transformando sua história, que suscita a atenção da mídia. Esta atua, assim, na *individação* de um acontecimento (Quéré, 2000), ou seja, na construção de sua especificidade como uma ocorrência singular, distinta de outras. Esse processo pode ser compreendido a partir de um *percurso interpretativo*, em que se podem identificar vários eixos em articulação.¹

O primeiro eixo se refere ao processo de *descrição* do acontecimento, em que procuramos perceber como a ocorrência é identificada e nomeada pelos sujeitos que buscam conferir sentido a ela. Esse eixo possibilita a percepção do *quadro* em que o acontecimento se inscreve e que permite responder à pergunta “o que está acontecendo aqui?” (Goffman, 1974). A identificação do quadro também implica a percepção do posicionamento dos atores em determinada situação. O segundo eixo diz respeito ao processo de *narração* do

acontecimento, em que buscamos apreender, especificamente, a inscrição do acontecimento em uma linha temporal, articulando-o com o passado e o futuro. O terceiro eixo se refere à *constituição de públicos* em relação ao acontecimento, em que objetivamos perceber como os indivíduos se posicionam frente à ocorrência.

Ao descrever e narrar as ocorrências que edificam a vida das celebridades, assim como ao interpelar o público a se posicionar em relação a elas, a mídia atua nesse processo de individuação dos acontecimentos que ordenam a vida das figuras públicas. Nesse processo, a mídia participa, cotidianamente, da construção de *biografias* das figuras públicas, ou seja, produz relatos de vida em relação a inúmeros acontecimentos que constroem a trajetória de tais personalidades.

É preciso destacar que a biografia não é entendida como homogênea, ou seja, como uma narrativa linear, isenta de conflitos e delineada por um único relato, que daria conta de apreender toda uma trajetória. Afinal, “o significado de uma vida nunca é unívoco” (Dosse, 2009: 375). A riqueza e a complexidade de uma trajetória de vida não podem ser reduzidas a uma narrativa homogênea e definitiva. Assim, entendemos a biografia como “uma estrutura inelutavelmente compósita, uma convergência de relatos diversos enredados uns nos outros” (Dosse, 2009: 67). Barthes (2005) traz a noção de *biografemas* para designar “esses pequenos detalhes, que [...] podem dizer tudo a respeito de um indivíduo” (Dosse, 2009: 306), remetendo à singularidade do mesmo. Pignatari (1996) retoma o conceito para falar das unidades distintivas que ajudam a compor o *puzzel biodiagramático* que constrói uma biografia: esta não é algo dado, mas é construída e organizada como um diagrama.

A ideia de *biografemas* nos permite pensar em uma multiplicidade de detalhes, tratados em inúmeros relatos, os quais edificam uma biografia heterogênea, construída em suportes e discursos diferenciados. É dessa maneira que se pode refletir sobre as biografias das celebridades escritas pela mídia: como narrativas heterogêneas, múltiplas, construídas a partir de fragmentos de discursos instaurados em dispositivos diversos. Entendemos que, no cenário contemporâneo, marcado pela mediatização (Braga, 2007), os significados instituídos pelos diferentes dispositivos midiáticos irrigam as práticas sociais e (re)orientam a vida dos sujeitos, os quais, por sua vez, atuam também na atualização daqueles significados.

Assim, as biografias das celebridades escritas pela mídia circulam e irrigam outras práticas sociais, construindo uma rede simbólica que constitui a trajetória de vida desses sujeitos. Uma trajetória delimitada por dois acontecimentos que marcam o percurso de uma vida: o nascimento e a morte. Como destaca Cardoso e Cunha (2005), uma trajetória é marcada por esses dois acontecimentos únicos e radicais, esses dois pólos - inaugural e final - em que uma vida se desenvolve. A morte, esse acontecimento que encerra uma trajetória, impulsiona discursos que procuram (re)escrever a vida desse sujeito: “a morte gera escrita, como já havia observado Michel de Certeau” (Dosse, 2009: 274). Para Pasolini, “a morte realiza uma montagem fulminante da nossa vida: ou seja escolhe os seus momentos verdadeiramente significativos” (1967: 196). A morte suscita, assim, relatos de natureza biográfica, que elegem eventos, detalhes, valores, *biografemas*, enfim, a serem evidenciados na construção das trajetórias.

A partir do referencial teórico aqui esboçado, procuramos analisar o encerramento da carreira de Ronaldo como jogador profissional de futebol. A partir dessa *morte simbólica*, a mídia constrói discursos de caráter biográfico sobre o jogador, evidenciando sentidos (às vezes, contraditórios) que despontam de sua face pública. Isso pode ser apreendido a partir da análise do processo de individuação desse acontecimento - o que faremos na próxima seção.

3. A APOSENTADORIA COMO MORTE SIMBÓLICA

3.1 O CORPUS

Para desenvolver a análise, o *corpus* selecionado é composto pela entrevista coletiva de Ronaldo, por matérias publicadas em jornais diários (*Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *Estado de Minas*), veiculados no dia posterior ao anúncio da aposentadoria de Ronaldo, e em revistas semanais (*Veja*, *Época* e *IstoÉ*), veiculadas na semana posterior ao mesmo, além de programas de TV (*Esporte Espetacular* e *Jornal da Band*) exibidos naquela semana. Além disso, o corpus conta com comentários expressos no youtube acerca do fim da carreira de Ronaldo.²

Acreditamos que esse corpus diversificado permite apreender diferentes sentidos acerca do acontecimento em análise. Além disso, ao incidir o olhar sobre diferentes suportes, a reflexão permite apreender uma biografia de Ronaldo a partir da ideia exposta anteriormente: como uma narrativa heterogênea, múltipla, escrita a partir de frag-

mentos de discursos variados que conformam o *puzzel biodiagramático* da celebridade analisada.

3.2 DESCRIÇÃO

O acontecimento que colocou fim à carreira de Ronaldo foi descrito pelo jogador como sua “primeira morte”. Retomando a ideia de Pasolini (1967), podemos dizer que essa morte simbólica realiza uma *montagem* da vida de Ronaldo. Assim como a montagem cinematográfica trabalha com fragmentos diversos, organizados a partir de diferentes planos, a montagem de uma vida organiza fragmentos provenientes dos acontecimentos que a edificam. Dessa forma, a aposentadoria de Ronaldo impulsiona uma montagem de sua trajetória, elegendo momentos marcantes de sua vida para serem recordados e perpetuados. Ou seja, se “a morte gera escrita, como já havia observado Michel de Certeau” (Dosse, 2009: 274), a morte simbólica de Ronaldo impulsionou inúmeros relatos que reconstroem a trajetória do jogador.

Como um funeral, o anúncio do fim da carreira de Ronaldo é caracterizado como um momento triste e emocionante, o que está diretamente ligado ao que a aposentadoria de Ronaldo representa: trata-se do fim “da carreira de um dos maiores fenômenos da história do futebol”.³ É dessa maneira que o *quadro* (Goffman, 1974) é ali identificado, ou seja, que a situação é definida no intuito de categorizar e descrever a ocorrência em questão (Quéré, 1995). Todos os discursos lembram a presença de Ronaldo na Copa de 1994 (quando ele ficou no banco de reservas); seu fracasso na Copa de 1998 (quando o Brasil foi derrotado pela França na final do mundial); seu retorno como o herói do pentacampeonato brasileiro em 2002; e sua consagração como o maior artilheiro da história das Copas em 2006. Essas ocorrências podem ser vistas como alguns dos “momentos verdadeiramente significativos” da trajetória de Ronaldo, que participam da “montagem fulminante” (Pasolini, 1967) de sua vida, construída a partir de sua aposentadoria. Assim, o fim da carreira de Ronaldo chega a ser visto como o fim de uma era no futebol.⁰ Aquele momento também foi caracterizado como uma “grande ação de marketing” e comparado a outros acontecimentos marcantes dessa trajetória:

No dia em que Ronaldo chorou para anunciar o fim da carreira, completaram-se três anos da ruptura do tendão patelar de um dos joelhos, o esquerdo, quando o Fenômeno também chorou. Nessa mesma data, mas em 2005, ele também estava nas manchetes, ao casar-se com a modelo e atriz Daniela Ciccarelli, no Chateau de Chantilly, suntuoso castelo próximo a Paris, cenário de filme hollywoodiano. Não se sabe se Ronaldo chorou como ontem porque ele vetou a presença de jornalistas na cerimônia.

Proibição que gerou inimizade e demissões em seu estafe pessoal. Ainda assim, sua imagem permaneceu imaculada. Nem o término do casamento, três meses mais tarde, tornou-o alvo das críticas.⁵

Em comum, os acontecimentos apresentam o fato de manterem Ronaldo sob os holofotes midiáticos, garantindo sua “imagem imaculada”. Como a lesão sofrida no joelho, a aposentadoria estava trazendo sofrimento para o atleta e para os que acompanham sua trajetória. Diferente do casamento com Ciccarelli, quando a imprensa foi vetada, a aposentadoria foi acompanhada pela mídia nacional e internacional. Aquele acontecimento também é diferente de outros em que Ronaldo se mostrava “um campeão de imaturidade”.⁶ O episódio envolvendo as travestis, quando Ronaldo foi parar na delegacia e afirmou ter sido vítima de tentativa de extorsão por parte das “garotas de programa” que contratara e a compra de uma Ferrari são lembrados como momentos que trouxeram problemas à imagem do jogador: “a imagem do Fenômeno foi abalada em diversas ocasiões, mas sobreviveu fortalecida”.⁷ Configuram-se, assim, semelhanças e diferenças entre aquele acontecimento específico e outros que construíram a história de Ronaldo. É a partir dessas comparações entre as ocorrências que se constrói a singularidade daquele acontecimento, distinguindo-o de outros (Quéré, 1995). E esta especificidade, no caso da aposentadoria de Ronaldo, é marcada pelo *quadro* (Goffman, 1974) mais amplo acionado para definir a situação: o término da carreira profissional de um dos melhores atacantes do mundo.

Esse quadro delimita posicionamentos para os atores envolvidos na situação, evidenciando similaridades e distinções entre Ronaldo e outros jogadores. O Fenômeno se diz triste, mas ao mesmo tempo aliviado por não ter que tentar fazer o que já não conseguia mais fazer dentro de campo. Se não consegue mais ser bem sucedido na busca pela excelência na construção de seu desempenho - o *arete* descrito por Gumbrecht (2007)⁸ -, é hora de parar.

Mas a tristeza e o alívio não foram as únicas características usadas para posicionar Ronaldo naquele momento. O próprio jogador se mostra feliz e orgulhoso em relação à trajetória linda e emocionante que construiu até ali. Ele se posiciona como um sujeito digno, honrado, que valoriza a amizade e que enfrentou inúmeras dificuldades, apesar da carreira vitoriosa. Essa capacidade de superar obstáculos foi agregada à história do Fenômeno e lembrada em muitos discursos midiáticos.

O jogador é visto como um rei, um gênio que soube driblar os fracassos e dar a volta por cima. Ele construiu um percurso marcado por “erros e acertos, dramas e consagrações

públicas, que construíram o mito do herói na adversidade”.⁹ Essa construção de uma trajetória heróica é destacada pela pesquisadora Kátia Rubio: “O que caracteriza o Ronaldo como um mito, o do herói, é a sua condição humana de sujeito falível e a sua capacidade de realizar feitos incomuns”.¹⁰ Sua trajetória de sofrimento o aproxima dos sujeitos comuns; ele é um ser humano, que erra, mas parece “pecar sem maldade”.¹¹ Ele é o herói “que demonstra ter anseios e defeitos humanos iguais aos de boa parcela da população”,¹² além da humildade de reconhecer seus erros e pedir desculpas. Ao lado dessa dimensão humana, porém, sua força de superação e seu esplendor técnico em campo o distanciam do público - “uma distância grande o suficiente” para fazer com que acreditemos que o herói vive “em outro mundo”, transformando-o em objeto “de admiração e desejo” (Gumbrecht, 2007: 15-16).

As habilidades técnicas de Ronaldo são destacadas, como sua potência e velocidade dentro de campo. O Fenômeno diz que vai sentir saudades de jogar, do protagonismo quando se faz um gol de vitória, da sensação de competição. Afinal, “o drama da competição é responsável pela transfiguração dos grandes atletas em nossa percepção imediata e, mais tarde, em nossa memória” (Gumbrecht, 2007: 61). O modo como Ronaldo se engajou nas competições fez dele um grande atleta perpetuado em nossa memória.

Mas não são só seus atributos como jogador que são evidenciados a partir desse acontecimento. Seu carisma é citado como um dos impulsionadores da idolatria que desperta. Sua alegria, seu sorriso cativante e “seu jeito carinhoso de se expressar” também são destacados na construção de Ronaldo como “um filho que o povão gosta de ter por perto”.¹³ A solidariedade é outra marca associada a Ronaldo em virtude das causas humanitárias que defende, e são lembrados alguns eventos que ajudaram a construir essa imagem de “craque por um mundo melhor”,¹⁴ como doações e visitas a instituições de saúde e educação, além de viagens a países devastados por guerras. Esse bom caráter é apontado como um dos fatores que o transformaram “no rosto ideal para se atrelar a grandes marcas”, como o contrato vitalício com a Nike, firmado aos 17 anos.¹⁵ A capacidade de administração de sua *imagem pública*,¹⁶ através de contratos rentáveis e bem sucedidos, também é destacada nessa trajetória.

Ronaldo é associado, ainda, a valores como sinceridade, transparência e humildade. Na entrevista coletiva, ele destaca que é “humilde o suficiente pra assumir qualquer erro que tenha cometido, qualquer deslize”. Ele diz que não guarda mágoa de ninguém e pede desculpas publicamente ao presidente do Corinthians por ter fracassado na Copa Liber-

tadores da América, último campeonato que Ronaldo disputou com a camisa do time paulista. Além disso, fez questão de ir conversar com os colegas jogadores antes do anúncio oficial do fim de sua carreira: “ele é o mito que, na hora do adeus ao futebol, vai se despedir dos colegas de clube, dá satisfação a todos, diz que está sofrendo”.¹⁷

Além de manifestar um sentimento de proteção em relação aos companheiros, ele faz inúmeros agradecimentos: a gratidão não se manifesta apenas dos fãs em relação aos atletas que proporcionaram “momentos de intensidade tão especial” (Gumbrecht, 2007: 161). Ela parte também do ídolo e é dirigida a inúmeros destinatários. Ronaldo agradece a todos os clubes por onde passou, a jogadores, a treinadores, a seus patrocinadores, à sua família, aos críticos, à torcida brasileira e, especialmente, à torcida do Corinthians. São esses posicionamentos marcados por humildade e gratidão e, ao mesmo tempo, avessos à arrogância, que ajudam a construir a imagem do jogador, “que parece coberta de um teflon que não adere a más notícias”.¹⁸

Ronaldo é descrito, ainda, como um jogador que transcende os times. É um indivíduo especial e único, que é reconhecido e ultrapassa o comunitarismo dos clubes. É um rosto público, particular e, ao mesmo tempo, universal por garantir um reconhecimento de torcedores até mesmo rivais. Sua *graça* no modo de jogar bola “contagia a multidão de espectadores”, construindo uma relação que remonta às “origens da arte na experiência humana” (Dewey, 2010: 62). A *arte* de jogar bola desenvolvida por Ronaldo faz com que ele construa uma experiência com o público que transcende as rivalidades.

A singularidade daquele acontecimento e do próprio Ronaldo é construída também a partir da comparação com outros atletas. Ele é visto como um dos “craques eternos da nossa seleção brasileira. Incontestáveis. Indiscutíveis. Cada um na sua época”.¹⁹ Em outro discurso, ele é visto como “o jogador mais importante do futebol brasileiro”, depois de Pelé.²⁰ Entretanto, Ronaldo supera Pelé no seu modo de lidar com as coisas fora de campo: diferente do Rei, que não reconheceu a paternidade de uma filha fora do casamento, Ronaldo “tirou de letra” o episódio de reconhecimento de Alex, fruto de um romance com Michelle Umezu. “Aceitou-o mesmo antes do resultado do exame de DNA, incorporou-o à família e à sua rotina de tal forma que o menino foi a estrela da cerimônia de adeus do craque”.²¹

A riqueza de Ronaldo é outra marca que o distingue de outros jogadores: “seu patrimônio hoje chega a 1 bilhão de reais, somados os bens e a renda com os contratos publi-

citários”.²² Essa marca é muito distante de outros “atletas igualmente excepcionais”, que “vivem dias de decadência financeira”.²³ Outro fator que destaca o Fenômeno dos outros é o fato de nunca ter jogado em times pequenos, só em “clubes de primeira linha”, e ter conseguido, com talento, maestria e carisma, até mesmo virar ídolo em times rivais, como o Barcelona e o Real Madrid, na Espanha, o Inter de Milão e o Milan, na Itália.²⁴

3.3 NARRAÇÃO

Nesse eixo, procuramos perceber a inserção do acontecimento em um quadro temporal: há um encadeamento que tanto constrói um passado para a ocorrência, como aponta para o *campo de possíveis* (ARENDDT, 1993) aberto por ela. A aposentadoria de Ronaldo é vista como o fim de um processo (uma morte simbólica) e, ao mesmo tempo, como o início de um novo ciclo desencadeado pelo término da carreira como jogador profissional (um novo sopro de vida). É preciso primeiro indagar: o que levou a esse acontecimento?

Ronaldo justificou a decisão de parar de jogar futebol falando sobre as fortes dores físicas que sente, sequelas deixadas pelas lesões que sofreu e pelas cirurgias que enfrentou, que o afastaram dos gramados por quase três anos dos 18 de sua carreira. As dores o impedem de realizar aqueles movimentos corporais belos que tanto despertam o *fascínio* do público: seu *timing*, ou seja, sua “capacidade de fazer os movimentos certos na hora certa” (Gumbrecht, 2007: 138) fora perdido. Se “os espectadores preferem assistir aos atletas quando eles testam e forçam os limites do desempenho humano” (Gumbrecht, 2007: 58), Ronaldo explorou ao máximo seu próprio limite e as consequências da busca extrema da excelência no desempenho de sua profissão.

Outro elemento que compõe o prontuário médico de Ronaldo é o hipotireoidismo, destacado por ele na entrevista coletiva. Segundo o jogador, esse distúrbio seria o responsável por seu excesso de peso e sua dificuldade para emagrecer, já que ele não poderia tomar a medicação necessária para controlá-lo, pois configuraria um *doping*. Essa questão gerou muita polêmica. O médico do Corinthians, Joaquim Grava, confirmou a fala de Ronaldo. Entretanto, em 2010, ele negara que o jogador apresentava tal distúrbio: “É balela”, teria dito Grava na época.²⁵

A declaração de Ronaldo foi vista como “ingênua vingança contra aqueles que o criticavam por estar acima do peso”, o que teria sido feito “só para dramatizar um pouco”.²⁶

O hábito de beber e de fumar é destacado como impulsionador da má forma física do jogador. Vários membros da comunidade médica questionaram o posicionamento de Ronaldo e negaram a associação que ele quis estabelecer entre a doença e o excesso de peso. Segundo Eduardo de Rose, médico e membro-fundador da Agência Mundial Anti-doping, “a droga para hipotireoidismo não é proibida. E isso não precisaria ser comunicado. ‘Mesmo que fosse, quando há recomendação médica, o atleta pode tomar o que for preciso, desde que avise à Federação Internacional’.”²⁷ Se o acontecimento “cria com sua unicidade um passado e um futuro”, tornando-se “uma história e uma profecia” (MEAD, 1932, p. 23), o hipotireoidismo foi acionado por Ronaldo para construir a “história” daquele acontecimento. História essa marcada por sentidos conflitantes que ajudam a construir o *puzzle biodiagramático* (Pignatari, 1996) que edifica a biografia de Ronaldo.

Outras motivações foram lembradas como possíveis fatores que incentivaram a decisão de Ronaldo: a derrota do Corinthians para o clube colombiano Tolima, pela Taça Libertadores, e a eliminação precoce do time no campeonato; a reação violenta da torcida; e a consequente transferência do amigo Roberto Carlos para um clube da Rússia. Apesar de Ronaldo negar que essa derrota e seus desdobramentos tenham motivado sua decisão, diferentes discursos midiáticos os situam como possíveis causas para o acontecimento.

Além de reconstruir o passado do acontecimento, é preciso olhar para o futuro que ele projeta, para o *campo de possíveis* (Arendt, 1993) ou a *profecia* (Mead, 1932) inaugurados por ele. Para o jogador, seu futuro “está bem organizado”, como disse na entrevista coletiva. Ele vai se dedicar à sua agência de marketing esportivo (9ine) e disse que em breve vai anunciar a Fundação Criando Fenômenos. Além disso, Ronaldo diz que vai ter mais tempo para se dedicar à família e aproveitar o fim de semana - o que não pode fazer desde que começou a jogar como profissional aos 16 anos.

Um jogo de despedida com a camisa da seleção brasileira é vislumbrado a partir desse acontecimento e é realizado no dia sete de junho de 2011, no amistoso entre Brasil e Romênia em São Paulo. Outro elemento que integra esse futuro aberto pelo acontecimento é a participação de Ronaldo na organização da Copa do Mundo de 2014, a ser realizada no Brasil, o que impulsionou posicionamentos contraditórios: há quem considere que a escolha foi adequada já que “Ronaldo inspira, Ronaldo comove e Ronaldo mobiliza as melhores energias de um país”.²⁸ Mas há quem veja Ronaldo apenas como uma

figura usada para preservar a imagem do presidente da CBF, Ricardo Teixeira, bastante desgastada não apenas no Brasil, mas no mundo, devido a denúncias de corrupção.

3.4 CONSTITUIÇÃO DE PÚBLICOS

A aposentadoria de Ronaldo convoca os sujeitos a se posicionarem em relação a ela, ou seja, ela constrói públicos (Dewey, 1954) em relação ao acontecimento: torcedores, fãs, pessoas comuns, jornalistas, jogadores de futebol, treinadores, atletas de outros esportes, artistas, amigos, familiares. Neste trabalho, trataremos apenas dos sujeitos comuns que se expressaram no youtube acerca desse acontecimento.²⁹

O tom hegemônico das manifestações analisadas é de reconhecimento em relação ao lugar que o jogador ocupa no cenário esportivo. Ele é visto, em múltiplos comentários, como um grande jogador, um verdadeiro craque, um gênio, um herói, um eterno fenômeno, que construiu uma carreira brilhante, que o consagrou como um mito, um ídolo, uma lenda do futebol. Muitos manifestantes lembram a carreira gloriosa de Ronaldo, a vitória na Copa de 2002, a artilharia na história das Copas e a eleição por três vezes como o melhor jogador de futebol do mundo. Um jogador que tantas alegrias trouxe aos brasileiros merece respeito e desperta orgulho na nação.

Ronaldo também desperta a gratidão dos sujeitos em relação ao ídolo que trouxe conquistas ao Brasil e também ao Corinthians. Ele emerge em sua singularidade: há jogadores; há craques; há ídolos; há Ronaldos! Mas fenômeno só um: Ronaldo Nazário. Ele é, assim, visto como especial, único, “o verdadeiro ‘REI’ do futebol do mundo”. A excelente situação financeira de Ronaldo é lembrada em outros comentários, que marcam a distinção entre ele e os cidadãos comuns. Em sua singularidade, Ronaldo é reverenciado como um jogador que transcende os times: ele é “o Ronaldo do mundo”, que está “acima de qualquer rivalidade”, ultrapassa as barreiras de clubes e as rixas entre torcidas organizadas. Mas o coletivo supera o individual em outras manifestações: “o Ronaldo não é maior que o Corinthians”.

A trajetória de Ronaldo suscita identificações no público: seus sofrimentos, suas lesões, seus longos processos de recuperação e, ao mesmo tempo, todas as alegrias e conquistas que protagonizou, despertaram a emoção das pessoas. Além disso, o público se projeta na vida do jogador, manifestando o desejo de vivenciá-la: afinal, quando assistimos a esportes (e admiramos os ídolos que os realizam), “gozamos, em nossa imaginação,

de vidas que jamais teríamos talento ou tempo para viver” (Gumbrecht, 2007: 178). O encerramento de sua carreira como jogador profissional também impulsionou declarações de amor de fãs.

Além de ser lembrado como um jogador de sucesso, Ronaldo é descrito como um “grande ser humano”. É “um craque dentro e fora de campo”, um homem de caráter, que desperta a admiração. Ele é associado a valores como humildade, solidariedade, sinceridade, respeito, persistência, coragem e determinação. A sua capacidade de superação de dificuldades também é destacada: ele é um guerreiro, um exemplo de luta e superação, que ensina aos outros como enfrentar difíceis obstáculos. Ele é visto como um cara “sempre de bem com a vida”, um “homem sociável e muito carismático”. Um dos manifestantes diz que não aprova sua vida pessoal, mas que é preciso reconhecer sua genialidade dentro de campo. Além disso, o que Ronaldo faz fora dele, não é da conta de ninguém.

Ao destacar a dimensão humana de Ronaldo, vários sujeitos lembraram que errar faz parte de nossa condição no mundo. Além disso, comentários enfatizam que o jogador não poderia ser culpado por erros e fracassos que são coletivos: a derrota do Corinthians para o Tolima e a precoce eliminação do clube paulista da Taça Libertadores foram decorrentes do desempenho de todo o time. Em diferentes manifestações, emergem críticas a membros da torcida Gaviões da Fiel, que fizeram ameaças a Ronaldo e tiveram um comportamento muito agressivo em relação a ele.

Em outras manifestações, emerge a ideia de que aqueles que criticam a forma física e a trajetória de Ronaldo estão, na verdade, com inveja por ele ter escolhido o Corinthians e por não realizarem as mesmas conquistas do Fenômeno. Para um dos manifestantes, “gordo ou magro”, Ronaldo é uma lenda, um fenômeno do futebol. Ele pode até estar acima do peso, mas são “108 Kilos de pura genialidade, superação e amor ao futebol”. Além disso, “não é a balança quem vai revelar o peso de Ronaldo, mas a História”.

Os sujeitos comuns também fizeram comparações entre Ronaldo e outros esportistas. Sua humildade é vista como semelhante à do piloto Ayrton Senna. Sua habilidade técnica supera a de outros jogadores brasileiros (Garrincha, Pelé, Romário e Zico), a de ídolos argentinos (Maradona e Messi) e de seu contemporâneo franco-argelino Zinedine Zidane. Mas sua inserção na história do futebol não é vista da mesma maneira por todos

os sujeitos. Para alguns, o talento de Ronaldo não supera o de Pelé, de Romário, de Edmundo e outros jogadores que marcaram a história do futebol.

O hipotireoidismo também foi lembrado nas manifestações que defendem Ronaldo das críticas da torcida corintiana: como pode “ficar xingando uma pessoa que está doente, só porque não ganhou uma merda de título?”. A habilidade do jogador de esconder de todos a doença, aguentando as críticas que recebeu em virtude dos efeitos que ela acarretava, foi destacada. Outros manifestantes também endossam a associação que o jogador estabeleceu entre a doença e o aumento de seu peso e lamentam que ela tenha aparecido em sua vida.

Apesar do tom hegemônico das manifestações do youtube ser muito favorável a Ronaldo e sua história no futebol, existem também comentários negativos sobre ele. Esses sentidos conflitantes participam da construção da biografia de Ronaldo como uma diversidade de relatos “enredados uns nos outros” (Dosse, 2009: 67) e exibem a ideia destacada anteriormente: “o significado de uma vida nunca é unívoco” (Dosse, 2009: 375).

Em relação ao hipotireoidismo, houve desconfiança acerca do posicionamento do jogador: “fumar e ficar bebendo uísque em balada mudou de nome”? Ronaldo estaria mentindo tanto em relação às causas de seu excesso de peso como em relação aos verdadeiros motivos que o impulsionaram a parar de jogar futebol: a humilhação com a derrota na Libertadores e as ameaças da torcida. Ronaldo é aqui visto como mentiroso, medroso e covarde, pois não assume a verdade frente aos outros e estremece diante dos torcedores. Além disso, Ronaldo é descrito como um traidor, um “Judas”, por ter trocado o Flamengo pelo Corinthians.

Em uma das manifestações, emerge a visão de que a Rede Globo supervalorizou o talento do Fenômeno e impulsionou a sua fabricação como um ídolo. Ele é visto como um bom jogador, entre inúmeros outros: “até quando vão ficar massageando o ego desse cara só porque ele teve uma história triste”? Outro manifestante desqualifica as aptidões técnicas do jogador: até minha avó “joga melhor do que esse gordo”. Ronaldo é descrito como “108 kilos de pura enganação”, um atleta que planejou a aposentadoria como uma jogada de marketing para se lançar na política. Muitos torcedores do Corinthians comemoram sua saída do clube, já que ele “não fez nada” pelo time.

Ronaldo é visto como um “lixo”, um “gordo preguiçoso”, que apresenta “muita vaidade pra pouca bola”; um “gordo, decadente, traidor, falso, dissimulado. Apagou o que fez

dentro de campo com o que fez fora. Parar de jogar?!?!? Já parou faz tempo, só faltava assumir”. Seu futebol não deixará saudades. Há comentários que fazem piada de sua má forma física, com inúmeros apelidos ofensivos ao jogador. Além disso, ele é visto como um “mercenário”, que vendeu a Copa de 1998 para a França.

A Copa da França é lembrada por outro manifestante que, apesar de reconhecer qualidades técnicas de Ronaldo, afirma que até hoje não “botou fé” que ele teve convulsão na final de 1998. Ele “amarelou” naquele ano e também em 2006: em 2002, “não era mais do que obrigação ele fazer gols”, ele estava lá para isso. O episódio com as travestis também foi recordado por manifestantes que descreveram Ronaldo como um “malandro”, um “baladeiro” que já saiu com travestis. Em tom pejorativo, ele é visto como um “Traveco de Elite”, “um pegador de travecos”. A orientação sexual de Ronaldo foi tematizada por outro manifestante para quem Ronaldo só saiu do Corinthians porque seu “macho”, o jogador Roberto Carlos, também o fez.

Há também quem critique o valor e a reverência que são concedidos a Ronaldo: afinal, por que “o povo se orgulha de alguém q[ue] não faz nada além de se ajudar? não é bizarro adorar uma pessoa q[ue] não faz nada para vc[você]? [...] não sejamos idiotas.” Nessa manifestação, Ronaldo emerge como um ser egoísta, que cuida apenas de si mesmo, apesar de ser tão admirado. Ele ganha milhões, enquanto “o povo passa fome”. Outro sujeito também questiona: há tanta guerra, fome e miséria no mundo, e as pessoas choram por Ronaldo? Sua aposentadoria também estaria sendo supervalorizada por todos: “Quanta gente muuuito mais importante para o mundo se aposenta e não recebe nem um ‘Muito Obrigado’? Ele foi um bom jogador de futebol, mais que isso foi fabricado pela mídia. Como ele estava humilde hoje, né? Nem parecia o prepotente do twitter há duas semanas. As coisas mudam...”. Aqui, Ronaldo emerge como um sujeito poderoso e arrogante, distante da humildade lembrada por outros sujeitos.

4 PARA CONCLUIR: RONALDO COMO CELEBRIDADE CARISMÁTICA

Os discursos aqui analisados tematizaram a trajetória do jogador de futebol Ronaldo Nazário de Lima, a partir do fim de sua carreira como jogador profissional - dessa morte simbólica que impulsionou tais relatos. A articulação entre os três eixos de análise permitiu apreender sentidos diversificados (e conflitantes), instaurados em diferentes dispositivos, que se enredaram na construção da biografia de Ronaldo. Além disso, foi possível perceber como esses sentidos circulam na interação entre mídia e sociedade

no cenário contemporâneo marcado pela mediatização: os discursos instaurados pela mídia convocam os sujeitos a se posicionarem em relação à trajetória de Ronaldo, os quais produzem novos sentidos que se articulam àqueles na configuração do *puzzle biodiagramático* (Pignatari, 1996) que é a biografia do jogador. Mídia e sociedade são vistas, assim, como instâncias imbricadas na configuração da trajetória de vida de Ronaldo.

Nesta análise, não procuramos alcançar uma unidade da vida do jogador, já que “o significado de uma vida nunca é unívoco” (Dosse, 2009: 375). A partir dos sentidos heterogêneos e diversificados instaurados nos diferentes relatos, podemos apreender uma imagem de Ronaldo como um jogador de futebol e um sujeito no mundo. Acreditamos que a noção de *carisma* traz contribuições enriquecedoras para compreender essa construção de Ronaldo como uma celebridade.

Na clássica definição de Max Weber, o carisma é definido como um conjunto de “dons específicos do corpo e do espírito, [...] não acessíveis a todos” (Weber, 1982: 171). Essas qualidades do líder carismático apontam para uma dimensão individual do carisma, que, no entanto, apresenta também uma dimensão social: esses dons devem ser reconhecidos por aqueles que se submetem à autoridade carismática. É esse reconhecimento que impulsiona a “devoção afetiva” (Weber, 1979) dos sujeitos em relação ao líder carismático.

A análise da aposentadoria de Ronaldo construída ao longo do artigo possibilita compreender esse jogador como uma celebridade carismática, já que ele apresenta certos “dons específicos do corpo e do espírito”. Como jogador de futebol, o Fenômeno apresenta certos *dons do corpo*: sua velocidade, suas arrancadas impressionantes, seus dribles desconcertantes, seus belos gols, seu *timing*, enfim, suas habilidades técnicas como atleta o capacitam a realizar movimentos corporais que despertam o *fascínio* do público (Gumbrecht, 2007). Esse fascínio despertado no público nos ajuda compreender o *caráter relacional do carisma* (Coelho, 1999: 72), já que é o modo como esses dons são reconhecidos pelo público que concretiza a *devoção afetiva* construída em torno desse ídolo.

Além disso, como jogador e sujeito no mundo, Ronaldo também apresenta certos *dons do espírito* que ajudam a impulsionar seu reconhecimento, ou seja, ele encarna certos valores que o projetam como celebridade. A solidariedade, a humildade, a simplicidade, a sinceri-

dade, a preocupação com causas humanitárias, a amizade, a determinação, a generosidade são evidenciados na análise do acontecimento aqui realizada.

Esses dons do corpo e do espírito não suscitam, entretanto, um reconhecimento unânime, o que revela algumas *contradições desse rosto público* (Rojek, 2008). Há quem questione as qualidades técnicas de Ronaldo como jogador e a importância atribuída a ele. Além disso, a imagem de Ronaldo foi associada a um conjunto de traços que são desvalorizados socialmente, como a mentira, a desonestidade, a arrogância, a vaidade, o egoísmo e a prepotência. Mesmo que em menor escala que os valores destacados anteriormente, esse universo de características foi também utilizado para definir a face pública de Ronaldo.

Acreditamos que, apesar de não despertar uma *devoção afetiva* unânime, os dons do corpo e do espírito percebidos e reconhecidos na trajetória de Ronaldo o configuram como uma celebridade carismática. Esses dons podem ser vistos como *biografemas* que participam da construção do *puzzle biodiagramático* (Pignatari, 1996) que é a biografia de Ronaldo, escrita cotidianamente por inúmeros discursos (midiáticos e extramidiáticos). Ainda que não seja unânime, a imagem hegemônica de Ronaldo é bastante positiva: ele é associado a *dons* que o posicionam como um jogador habilidoso, um bom menino, um ídolo carismático, um herói que enfrenta e supera as dificuldades, um ser humano de caráter. Esses valores (partilhados e reconhecidos coletivamente) tecem uma rede simbólica que consolida essa imagem de Ronaldo e nos ajudam a compreender a força de sua figura pública na cena social contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ARENDETT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2005.
- BARTHES, R. *Sade, Fourier, Loyola*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BRAGA, José Luiz. Mediatização como processo interacional de referência. In: MÉDOLA, Ana Silvia L.D.; ARAUJO, Denise C.; BRUNO, Fernanda. (Orgs.). *Imagem, visibilidade e cultura midiática*. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 141-167.
- CARDOSO E CUNHA, T. Acontecimento e biografia. *Trajectos*, Lisboa, n. 6, p. 105-108, 2005.
- COELHO, M. C. *A experiência da fama*. Rio de Janeiro: Ed., FGV, 1999.
- DEWEY, J. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DEWEY, John. Search for the public. In: _____. *The public and its problems*. Chicago: Swallow Press, 1954. p. 2-86.
- DOSSE, F. *O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida*. São Paulo: EDUSP, 2009.
- GOFFMAN, E. *Frame Analysis: an essay on the organization of experience*. Boston: Northeastern University Press, 1974.
- GUMBRECHT, H. U. *Elogio da beleza atlética*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- PASOLINI, P. P. Observações sobre o plano-sequência. In: _____. *Empirismo hereje*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982. p. 193- 196.
- PIGNATARI, D. Para uma semiótica da biografia. In: HISGAIL, F. (Org.) *Biografia: sintoma de cultura*. São Paulo: Hacker editores, Cespuc, 1996. p. 13-19.
- QUÉRÉ, L. L'espace public comme forme et comme événement. In: JOSEPH, I. (Org.). *Prendre place*. Paris: Ed. Recherches, 1995. p.93-110.
- QUÉRÉ, L. L'individualisation des événements dans le cadre de l'expérience publique. In: BOURDON, P. *et al* (Org.). *Processus du sens*. Paris, L'Harmattan, 2000. p. 1-23.
- QUÉRÉ, L. Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajectos*, Lisboa, n. 6, p. 59-75, 2005.
- ROJEK, C. *Celebridade*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- WEBER, M. A sociologia da autoridade carismática. In: _____. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1963. p. 283-291.
- WEBER, M. Os três tipos puros de dominação legítima. In: COHN, G. (Org.). *Max Weber: Sociologia. Grandes Cientistas Sociais*. n. 13. São Paulo: Ática, 1979. p. 128-141.

NOTAS

- 1 Quéré (2000, 2005) destaca vários eixos do processo de individuação. Procuramos retomar a discussão do autor, evidenciando alguns desses eixos que contribuem na compreensão do acontecimento específico aqui analisado.
- 2 Esses comentários foram selecionados através de uma busca realizada a partir das palavras-chave “aposentadoria Ronaldo”, que levou à coleta de três vídeos e um conjunto de 1083 comentários. Este passou por uma nova seleção, chegando ao corpus final de 566 comentários.
- 3 OBRIGADO, Ronaldo! *Estado de Minas*, 15/02/11. Super Esportes, p.1.
- 4 PRADO, R. M. Valeu, Fenômeno! *O Globo*, 15/02/11. Esportes, p.5.
- 5 BRITO, D. Estrela. *Folha de S. Paulo*, 15/02/11. Esporte, p.D8.
- 6 COURA, K; DINIZ, L. Os motivos do adeus. *Veja*, São Paulo, 23/02/11. p. 76.
- 7 MAIA JÚNIOR, H; MATEUS, L; CORONATO, M. Começa o segundo tempo. *Época*, Rio de Janeiro, 21/02/11. p.81.
- 8 Para Gumbrecht (2007: 56), *arete* é o componente essencial de uma performance atlética e “significa buscar a excelência com a consequência [...] de levar algum tipo de performance a seus limites individuais ou coletivos”.
- 9 CARDOSO, R. Ronaldo: o atleta, a dor e o fim. *IstoÉ*, São Paulo, 23/02/11. p.70.
- 10 *Ibidem*.
- 11 *Idem*. p.72.
- 12 *Idem*. p.74.
- 13 CARDOSO, R. Ronaldo: o atleta, a dor e o fim. *IstoÉ*, São Paulo, 23/02/11. p.74.
- 14 AMATO, G. Craque por um mundo melhor. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15/02/11. Esportes, p. 2.
- 15 BRITO, D. Estrela. *Folha de S. Paulo*, 15/02/11. Esporte, p.D9.
- 16 A imagem pública de um sujeito ou um grupo é entendida aqui a partir da perspectiva de Wilson Gomes, para quem ela se refere a “um complexo de informações, noções, conceitos, partilhado por uma coletividade qualquer, e que o caracterizam” (GOMES, 2004, p. 254).
- 17 CARDOSO, R. *op.cit*.
- 18 BRITO, D. Estrela. *Folha de S. Paulo*, 15/02/11. Esporte, p.D8.
- 19 *Esporte Espetacular*, 20/02/11.
- 20 *Jornal da Band*, 14/02/11.
- 21 CARDOSO, R. Ronaldo: o atleta, a dor e o fim. *IstoÉ*, São Paulo, 23/02/11. p.75.
- 22 COURA, K; DINIZ, L. Os motivos do adeus. *Veja*, São Paulo, 23/02/11. p. 80.
- 23 MAIA JÚNIOR, H; MATEUS, L; CORONATO, M. Começa o segundo tempo. *Época*, Rio de Janeiro, 21/02/11. p.80.
- 24 GLÓRIA. *Folha de S. Paulo*, 15/02/11. Esporte, p. D4.

- 25 KNOPLOCH, C. Lágrimas do pai e travessuras do filho. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15/02/11. Esportes, p.4.
- 26 COURA, K; DINIZ, L. Os motivos do adeus. *Veja*, São Paulo, 23/02/11. p. 74.
- 27 MARINHO, A. Hipotireidismo polêmico. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15/02/11. Esportes, p.8.
- 28 ATTUCH, L. A marca Ronaldo. *IstoÉ*, São Paulo, 23/02/11. p. 53.
- 29 Todas as manifestações foram extraídas do site www.youtube.com, em 24/10/2011. Optamos por não citar os manifestantes por seus nomes individualmente por considerar que isso não esclarece ou enriquece os posicionamentos aqui apresentados e tendo em vista os limites de espaço do artigo. As referências que aparecem sem aspas se referem a manifestações cujos erros de ortografia e gramática foram corrigidos.

Artigo recebido: 25 de abril de 2012

Artigo aceito: 12 de julho de 2012